QUINCAS BORBA

machado de assis

textos informativos: fátima mesquita

2ª impressão

PANDA BOOKS

© Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olívia Tavares

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diagramação
Carla Almeida Freire

Fotos
p. 16: Werner von Siemens © Giacomo Brogi/domínio público
p. 50: © djedzura/iStock
p. 101: © Anônimo/Ny Carlsberg Glyptotek
p. 128: © Pedro Augusto Guglielmi/ Biblioteca Nacional de Portugal
p. 157: © Bruno Godinho/CC BY-SA 4.0
p. 244: © domínio público
p. 248: © Franz Xaver Winterhalter/ Museo Napoleonico
p. 289: © Juan Gutierrez/Brasiliana Fotográfica/Acervo Museu Histórico Nacional
p. 325: © Jean-Louis-Ernest Meissonier/Musée d'Orsay

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Edição das notas e revisão
Mayara Freitas

Impressão
Loyola

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1891, e na terceira edição, de 1899, publicadas por B. L. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Assis, Machado de, 1839-1908
Quincas Borba / Machado de Assis. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2020. 440 pp. il.

ISBN: 978-85-7888-752-0

1. Romance brasileiro. I. Título.
Bibliotecária: Camila Donis Hartmann – CRB-7/6472

20-66395 CDD: 869.3
CDU: 82-31(81)

2020
Todos os direitos reservados à Panda Books.
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim "clássico" mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que "clássico" eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra "clássico". A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: "Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva".

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um "clássico" já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais "clássicos da literatura brasileira" eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

TUDO CONTRA, MAS O CARA ERA UM CRAQUE!

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, filho de um brasileiro, Francisco, pintor de paredes, e uma portuguesa dos Açores, dona Maria, lavadeira que, no entanto, morreu quando ele tinha só dez anos de idade. O menino cresceu no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio da madrinha rica e da segunda mulher do seu Francisco.

Sabia muito bem francês e latim, chegando a trabalhar como tradutor. Quando novo, descolou uns trocados vendendo

doces feitos pela madrasta e engraxando sapatos. Mais tarde, fez bicos de revisor, ralou em tipografia, foi funcionário público em variadas instâncias (começando como auxiliar do auxiliar e chegando até a diretor chefão). E escreveu: crítica de teatro, poema, resenha de debate do Senado, peça teatral, contos, romances, ensaios, artigos e crônicas para jornais e revistas e ainda soluções para jogos de xadrez.

Simmmm, quando não estava lendo, escrevendo ou vendo peças de teatro, o cara gostava de encarar uma partida de xadrez. Chegou a participar do primeiro campeonato do país, e as peças que ele usou neste torneio hoje estão expostas na Academia Brasileira de Letras.

Mas nada foi fácil pro Machadão. O sujeito sofria de epilepsia, uma doença neurológica sem cura e carregada de preconceito, em especial naqueles tempos, porque, de repente, o cérebro da pessoa entra meio que em curto-circuito, com uma descarga elétrica embaralhando as coisas lá dentro. O doente pode, então, falar coisas sem pé nem cabeça, o corpo pode se movimentar sem controle ou a pessoa parece que está no mundo da lua, com o olhar perdido e fixo no nada, sem responder a nenhum estímulo, meio que ausente – ei, mas fica sussa que hoje em dia tem tratamento bem eficiente, que não cura, mas controla legal a situação, deixando a pessoa viver uma vida mais tranquila.

Além disso, nosso amigo era negro e também meio gago. E, como você já deve ter sacado, bem pobre mesmo. Os pais do pai dele eram escravos alforriados que haviam trabalhado praticamente a vida toda pra família de sua madrinha. Ou seja, nosso Joaquim sofria preconceito a granel. Tipo 7 X 1. Toda hora, né? Mas era inteligente que só. Tinha esse supertalento atômico pra línguas. Aprendeu muita coisa (mas muita mesmo!) por conta própria, nos livros da biblioteca da família rica da madrinha e de tudo quanto era jeito que ele podia achar. Tinha esse apetite pra aprender. Voraz mesmo.

Foi casado com uma portuguesa, quatro anos mais velha que ele, a dona Carolina Augusta Xavier de Novais. Mas eles nunca tiveram filhos. Ela morreu antes. Machado ficou deprimi-

daço – estava também já cego. Faleceu aos 69 anos de idade, no mesmo Rio de Janeiro onde havia nascido. Deixou seus vários livros, sua obra, que já foi traduzida e estudada por tudo quanto é canto desse planeta Terra. O que é raro, bem raro mesmo para autores brasileiros.

Ah, e um causo divertido aqui: num dos seus livros, houve um erro de impressão numa frase. Onde devia se ler "lhe cegara o juízo", lia-se "lhe cagara o juízo"! Ih, foi um corre-corre tipo Bolt pra tentar consertar a "cegada" (rs). Juntaram lá uma pá de gente tentando corrigir livro por livro antes daquilo tudo chegar na mão dos leitores. Em grande parte a tática deu certo, mas... uns exemplares com o erro escaparam. Hehehe, maus, hein?

UM DOIDINHO, UM CACHORRO, UM TOLINHO E MUITA GENTE SÓ NA CACHORRADA

Quincas Borba é rico e está doente. Quando morre, deixa tudo para Rubião, que foi tipo um enfermeiro cuidador dele lá em Barbacena, Minas Gerais. Com a grana, Rubião se manda para o Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil naquela época, final dos anos 1800.

Daí Rubião, que é bem tolinho, sem as manhas de lidar com as cobras criadas da sociedade carioca, vai conhecendo um monte de gente que se aproveita dele e da bufunfa da herança.

O casal Cristiano e Sofia é dos piores. Primeiro o marido usa a mulher como isca para tirar vantagem de Rubião. O moço do interior se apaixona mesmo por ela e até se declara. Ela nem tchum pra ele, mas continua dando corda. De novo para tirar vantagem. E é tanta gente enrolando o cara, comendo, bebendo e fumando charuto às custas dele, pedindo empréstimo, oferecendo sociedades em que ele só se ferra que... a grana acaba! E sem dinheiro, os amigos vão desparecendo, dando nó em pingo d'água para evitar o cabra.

Junto com a pobreza, Rubião também enfrenta a loucura. Aos poucos, ele vai achando que é Napoleão III, imperador da França. E tudo isso o leva a voltar para Barbacena, onde morre duro e doido na casa de uma comadre.

E com esse enredo, publicado entre 1886 e 1891 em conta-gotas em uma revista, como folhetim, Machado de Assis, craque das palavras e de achar jeitos de manter o leitor atento, discorre sobre algo que ainda hoje impera um bom bocado nas nossas vidas: a ideia de que viver bem é coisa que só existe para os mais fortes.

Por isso mesmo, este é um livro antigo no qual a gente acha muita ligação com os nossos dias de hoje. Tem falsidade de sobra, esperteza que passa longe da ética, discurso moral que na prática é só conversa fiada e até umas poucas pessoas genuinamente boas.

Além disso, ele também é uma espécie de *selfie* de uma época, mostrando para a gente como andava a economia, a política, o processo longo e cheio de maquinações do fim da escravatura e ainda o que o pessoal andava lendo, curtindo no teatro e na música. E dá até mesmo para espionar um tiquinho da vida daquele Rio passado – eu, por exemplo, adoro ver o tanto de carruagem diferente que existia, com duas ou quatro rodas, com capota, sem capota...

Ah, e tudo isso ainda empacotado com riso, porque o autor é o rei da ironia, viu? Como toda obra desse período, esta aqui também traz um vocabulário antigo, mofado, e por isso mesmo muitas vezes desconhecido. Para isso, me proponho a seguir ao seu lado, **"traduzindo"** os termos mais cabeludos e dando umas pitadas de contexto, umas dicas de vídeo, de Google, pra ver se você lê sem tropicar nesses perrengues e, quem sabe, chega até a se divertir com o talento desse carioca considerado genial por muita gente do mundo todo. Então, deixe logo de lero-lero e não-quero-quero e mete o peito nesta leitura que é legal... Bora lá!

Fátima Mesquita

Fotos para contextualizar a cena.

Sugestões de pesquisa na internet.

Comentários curtos e curiosidades.

Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em vermelho.

SUMÁRIO

Prólogo da terceira edição	12
I	13
II	14
III	15
IV	18
V	20
VI	23
VII	27
VIII	29
IX	31
X	33
XI	36
XII	38
XIII	39
XIV	41
XV	43
XVI	45
XVII	47
XVIII	49
XIX	51
XX	52
XXI	53
XXII	58
XXIII	59
XXIV	60
XXV	61
XXVI	62
XXVII	63
XXVIII	64
XXIX	67
XXX	69
XXXI	70
XXXII	73
XXXIII	77
XXXIV	78
XXXV	80
XXXVI	83
XXXVII	84
XXXVIII	87
XXXIX	88
XL	91

XLI	93
XLII	95
XLIII	99
XLIV	101
XLV	102
XLVI	105
XLVII	106
XLVIII	109
XLIX	111
L	113
LI	120
LII	122
LIII	124
LIV	126
LV	128
LVI	130
LVII	132
LVIII	135
LIX	137
LX	141
LXI	143
LXII	146
LXIII	147
LXIV	148
LXV	151
LXVI	153
LXVII	154
LXVIII	157
LXIX	161
LXX	166
LXXI	169
LXXII	171
LXXIII	172
LXXIV	173
LXXV	175
LXXVI	177
LXXVII	178
LXXVIII	181
LXXIX	183
LXXX	184
LXXXI	186
LXXXII	188

LXXXIII	192
LXXXIV	195
LXXXV	196
LXXXVI	198
LXXXVII	200
LXXXVIII	202
LXXXIX	203
XC	206
XCI	208
XCII	209
XCIII	212
XCIV	214
XCV	216
XCVI	217
XCVII	219
XCVIII	221
XCIX	223
C	225
CI	229
CII	231
CIII	232
CIV	234
CV	236
CVI	240
CVII	242
CVIII	243
CIX	247
CX	249
CXI	253
CXII	255
CXIII	256
CXIV	257
CXV	258
CXVI	264
CXVII	267
CXVIII	269
CXIX	275
CXX	277
CXXI	281
CXXII	282
CXXIII	285
CXXIV	286

CXXV	287
CXXVI	289
CXXVII	290
CXXVIII	292
CXXIX	295
CXXX	296
CXXXI	299
CXXXII	300
CXXXIII	302
CXXXIV	305
CXXXV	307
CXXXVI	308
CXXXVII	309
CXXXVIII	311
CXXXIX	314
CXL	316
CXLI	317
CXLII	320
CXLIII	321
CXLIV	322
CXLV	324
CXLVI	326
CXLVII	329
CXLVIII	330
CXLIX	332
CL	334
CLI	335
CLII	337
CLIII	341
CLIV	346
CLV	347
CLVI	348
CLVII	350
CLVIII	351
CLIX	353
CLX	356
CLXI	358
CLXII	361
CLXIII	362
CLXIV	363
CLXV	365
CLXVI	368

CLXVII	369
CLXVIII	372
CLXIX	373
CLXX	376
CLXXI	378
CLXXII	381
CLXXIII	382
CLXXIV	384
CLXXV	386
CLXXVI	391
CLXXVII	393
CLXXVIII	395
CLXXIX	396
CLXXX	399
CLXXXI	401
CLXXXII	404
CLXXXIII	406
CLXXXIV	408

CLXXXV	410
CLXXXVI	412
CLXXXVII	413
CLXXXVIII	414
CLXXXIX	418
CXC	419
CXCI	420
CXCII	421
CXCIII	423
CXCIV	424
CXCV	426
CXCVI	428
CXCVII	429
CXCVIII	431
CXCIX	432
CC	434
CCI	435

PRÓLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO

A segunda edição deste livro acabou mais depressa que a primeira. Aqui sai ele em terceira, sem outra alteração além da emenda de alguns erros tipográficos, tais e tão poucos que, ainda conservados, não encobririam o sentido.

Um amigo e confrade ilustre tem teimado comigo para que dê a este livro o seguimento de outro. "Com as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, donde este proveio, fará você uma trilogia, e a Sofia de Quincas Borba ocupará exclusivamente a terceira parte." Algum tempo cuidei que podia ser, mas relendo agora estas páginas concluo que não. A Sofia está aqui toda. Continuá-la seria repeti-la, e acaso repetir o mesmo seria pecado. Creio que foi assim que me tacharam este e alguns outros dos livros que vim compondo pelo tempo fora no silêncio da minha vida. Vozes houve, generosas e fortes, que então me defenderam; já lhes agradeci em particular; agora o faço cordial e publicamente.

1889.

M. de A.

I

Rubião fitava a enseada – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do **chambre**, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. **Cotejava** o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de **Túnis**, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

– Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade **tem** casado com o Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

Chambre: roupão.

Cotejar: comparar.

8 Túnis é capital da Tunísia.

t Hoje diríamos: "se ela tivesse casado".

II

Vexado: envergonhado.

Que abismo que há entre o espírito e o coração! O espírito do ex-professor, **vexado** daquele pensamento, arrepiou caminho, buscou outro assunto, uma canoa que ia passando; o coração, porém, deixou-se estar a bater de alegria. Que lhe importa a canoa nem o canoeiro, que os olhos de Rubião acompanham, arregalados? Ele, coração, vai dizendo que, uma vez que a mana Piedade tinha de morrer, foi bom que não casasse; podia vir um filho ou uma filha... – Bonita canoa! – Antes assim! – Como obedece bem aos remos do homem! – O certo é que eles estão no céu!

III

Lavrado: trabalhado, com enfeites.

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara, e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata **lavrada**. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um **Mefistófoles e um Fausto**. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, – primor de **argentaria**, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus **crioulos** de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu

Mefistófoles (ou Mefisto) é um demônio do folclore alemão, para quem Fausto vendeu a alma em troca de sabedoria e poder.

Argentaria: prataria.

Quincas Borba foi publicado pela primeira vez em folhetim, na revista feminina A estação, entre 1886 e 1891. Na época, rolava o auge da luta pelo fim da escravidão, que na lei acabou em 1889. Ao mesmo tempo (e não por coincidência), tornou-se sinal de ostentação empregar criados estrangeiros e brancos, justamente porque a mão de obra escravizada estava com previsão de acabar.

Os pajens eram negros ou mestiços escravizados que, quando crianças, tinham que brincar com os filhos dos senhores. Depois, na adolescência, passavam a acompanhar seus senhores para cima e para baixo, além de ajudar na limpeza da casa, levar recados, cuidar dos cavalos e das carruagens e um pouco mais.

bom **pajem**, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi **degradado** a outros serviços.

– Quincas Borba está muito impaciente?, perguntou Rubião bebendo o último **golo** de café, e lançando um último olhar à bandeja.

– *Me parece que sí.*

– Lá vou soltá-lo.

Não foi; deixou-se ficar, algum tempo, a olhar para os móveis. Vendo as pequenas gravuras inglesas, que pendiam da parede por cima dos dous bronzes, Rubião pensou na bela Sofia, mulher do Palha, deu alguns passos, e foi sentar-se no ***pouf***, ao centro da sala, olhando para longe...

– Foi ela que me recomendou aqueles dous quadrinhos, quando andávamos, os três, a ver cousas para comprar. Estava tão bonita! Mas o que eu mais gosto dela são os ombros, que vi no baile do coronel. Que ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos! Os braços também; oh!, os braços! Que bem-feitos!

Rubião suspirou, cruzou as pernas, e bateu com as **borlas** do chambre sobre os joelhos. Sentia que não era inteiramente feliz; mas sentia também que não estava longe a felicidade completa. Recompunha de cabeça uns modos, uns olhos, uns requebros sem explicação, a não ser esta, que ela o amava, e que o amava muito. Não era velho; ia fazer 41 anos; e, rigorosamente, parecia menos. Esta observação foi acompanhada de um gesto; passou a mão pelo queixo barbeado todos os dias, cousa que não fazia dantes, por economia e desnecessidade. Um simples professor! Usava **suíças** (mais tarde deixou crescer a barba toda) – tão macias, que dava gosto passar os dedos por elas. E recordava assim o primeiro encontro, na estação de **Vassouras**, onde Sofia e o marido entraram no trem da estrada de ferro, no mesmo carro em que ele descia de Minas; foi ali que achou aquele par de olhos viçosos, que pareciam repetir a exortação do profeta: **Todos vós que tendes**

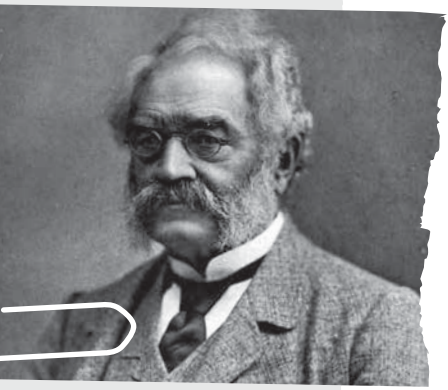
Degradado: rebaixado.

Golo: gole.

Pouf (em francês) é o nosso pufe.

Borla é um penduricalho, que neste caso estava no final do cordão do roupão de Rubião.

Entre 1890 e 1920, era moda usar bigode com suíças, barba que ocupa as laterais do rosto.



Vassouras é uma cidade do Rio de Janeiro.

sede, vinde às águas. Não trazia ideias adequadas ao convite, é verdade; vinha com a herança na cabeça, o testamento, o inventário, cousas que é preciso explicar primeiro, a fim de entender o presente e o futuro. Deixemos Rubião na sala de Botafogo, batendo com as borlas do chambre nos joelhos, e **cuidando** na bela Sofia. Vem comigo, leitor; vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba.

g Referência ao trecho da Bíblia (Isaías 55:1-3).

Cuidar: pensar.

IV

Neste outro livro de Machado de Assis, publicado dez anos antes deste aqui, Quincas Borba também aparece como personagem.

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o fa-vor de ler as ***Memórias póstumas de Brás Cubas***, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro **inopinado**, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida, mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. Piedade resistiu, um **pleuris** a levou.

Inopinado: de repente, de forma surpreendente.

A pleurisia (ou pleuris) é uma inflamação da pleura, membrana que cobre o pulmão.

Foi esse trechozinho de romance que ligou os dous homens. Saberia Rubião que o nosso Quincas Borba trazia aquele grãozinho de **sandice**, que um médico supôs achar-lhe? Seguramente, não; tinha-o por homem esquisito. É, todavia, certo que o grãozinho não se despegou do cérebro de Quincas Borba – nem antes, nem depois da moléstia que lentamente o comeu. Quincas Borba tivera ali alguns parentes,

Sandice: loucura.

mortos já agora em 1867; o último foi o tio que o deixou por herdeiro de seus bens. Rubião ficou sendo o único amigo do filósofo. Regia então uma escola de meninos, que fechou para tratar do enfermo. Antes de professor, metera ombros a algumas empresas, que **foram a pique**.

Ir a pique: arruinar, afundar.

Desvelo: cuidado, dedicação.

Durou o cargo de enfermeiro mais de cinco meses, perto de seis. Era real o **desvelo** de Rubião, paciente, risonho, múltiplo, ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada, nem o serviço da casa, nem a leitura dos jornais, logo que chegava a **mala** da Corte ou a de Ouro Preto.

Os jornais vinham no que hoje chamaríamos de malote – uma espécie de correio especial. A Corte era a capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, e Ouro Preto era, na época, a capital da província de Minas Gerais.

– Tu és bom, Rubião, suspirava Quincas Borba.

– Grande façanha! Como se você fosse mau!

A opinião ostensiva do médico era que a doença do Quincas Borba iria saindo devagar. Um dia, o nosso Rubião, acompanhando o médico até à porta da rua, perguntou-lhe qual era o verdadeiro estado do amigo. Ouviu que estava perdido, completamente perdido; mas, que o fosse animando. Para que tornar-lhe a morte mais aflitiva pela certeza?...

– Lá isso, não, atalhou Rubião; para ele, morrer é negócio fácil. Nunca leu um livro que ele escreveu, há anos, não sei que negócio de filosofia...

– Não; mas filosofia é uma cousa, e morrer de verdade é outra; adeus.

V

A teoria de Humanitas, ou o Humanitismo, é uma invenção de Machado que aparece tanto em Memórias póstumas de Brás Cubas quanto aqui. Esse é um sistema filosófico que Quincas usa para tentar explicar o sentido da vida. Mas como ele está doidinho, Humanitas também é bem sem pé nem cabeça, misturando ideias que fazem pouco sentido ou até mesmo sentido algum.

Rubião achou um rival no coração de Quin-cas Borba – um cão, um bonito cão, meio tamanho, pelo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas Borba levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. De manhã, era o cão que acordava o senhor, trepando ao leito, onde trocavam as primeiras saudações. Uma das extravagâncias do dono foi dar-lhe o seu próprio nome; mas, explicava-o por dous motivos, um doutrinário, outro particular.

– Desde que **Humanitas**, segundo a minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja **cristão ou muçulmano**...

– Bem, mas por que não lhe deu antes o nome de Bernardo?, disse Rubião com o pensamento em um rival político da localidade.

– Esse agora é o motivo particular. Se eu morrer antes,

Aqui se refere à antiga pendenga entre cristãos/católicos e muçulmanos que batalharam na Idade Média, com as Cruzadas e tudo o mais.

como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

Rubião fez um gesto negativo.

– Pois devias rir, meu querido. Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro. Os que, porém, não souberem ler, chamarão Quincas Borba ao cachorro, e...

O cão, ouvindo o nome, correu à cama. Quincas Borba, comovido, olhou para Quincas Borba:

– Meu pobre amigo! meu bom amigo! meu único amigo!

– Único!

– Desculpa-me, tu também o és, bem sei, e agradeço-te muito; mas a um doente perdoa-se tudo. Talvez esteja começando o meu delírio. Deixa ver o espelho.

Rubião deu-lhe o espelho. O doente contemplou por alguns segundos a cara magra, o olhar febril, com que descobria os subúrbios da morte, para onde caminhava a passo lento, mas seguro. Depois, com um sorriso pálido e irônico:

– Tudo o que está cá fora corresponde ao que sinto cá dentro; vou morrer, meu caro Rubião... Não gesticules, vou morrer. E que é morrer, para ficares assim espantado?

– Sei, sei que você tem umas filosofias... Mas falemos do jantar; que há de ser hoje?

Quincas Borba sentou-se na cama, deixando pender as pernas, cuja extraordinária magreza se adivinhava por fora das calças.

– Que é? que quer?, acudiu Rubião.

– Nada, respondeu o enfermo sorrindo. Umas filosofias! Com que desdém me dizes isso! Repete, anda, quero ouvir outra vez. Umas filosofias!

– Mas não é por desdém... Pois eu tenho capacidade para desdenhar de filosofias? Digo só que você pode crer que a morte não vale nada, porque terá razões, princípios...

Quincas Borba procurou com os pés as chinelas; Rubião chegou-lhas; ele calçou-as e pôs-se a andar para esticar as pernas. Afagou o cão e acendeu um cigarro. Rubião quis

Capote: tipo de capa longa e com capuz.

que se agasalhasse, e trouxe-lhe um fraque, um colete, um chambre, um **capote**, à escolha. Quincas Borba recusou-os com um gesto. Tinha outro ar agora: os olhos metidos para dentro viam pensar o cérebro. Depois de muitos passos, parou, por alguns segundos, diante de Rubião.